



2001: UMA ODISSEIA NO ESPAÇO À LUZ DA RELIGIÃO VIVIDA

2001: A SPACE ODYSSEY IN THE LIGHT OF LIVED RELIGION

Caroline Julie da Rosa Cougo¹
Ruben Marcelino Bento da Silva²

Resumo:

Neste artigo, pretende-se aproximar a ficção científica e o fenômeno religioso tomando a religião vivida como referência conceitual. Inicia-se chamando atenção para o interesse atual pela espiritualidade individual do dia a dia. Nessa direção, destaca-se o conceito de “preocupação última” do teólogo alemão Paul Tillich. Sinaliza-se que temas religiosos vêm aparecendo cada vez mais em novas produções de mídia. Toma-se, então, como objeto de análise o longa-metragem *2001: Uma Odisseia no Espaço*, dirigido por Stanley Kubrick. Por fim, oferecem-se breves comentários acerca de assuntos observados na trama do filme que preocupam existencialmente o indivíduo, entre eles, a finitude, o medo do desconhecido e a liberdade humana.

Palavras-chave: Preocupação Última. Religião vivida. Imaginação. Ficção científica. *2001: Uma Odisseia no Espaço*.

Abstract:

In this article, it is intended to bring together the science fiction and the religious phenomenon, taking the living religion as a conceptual reference. It begins by drawing attention to the current interest in everyday individual spirituality. In this direction, the concept of “ultimate concern” by the German theologian Paul Tillich stands out. It is indicated that religious themes are increasingly appearing in new media productions. The feature film *2001: A Space Odyssey*, directed by Stanley Kubrick, is then taken as an object of analysis. Finally, brief comments are offered on issues observed in the film’s plot that existentially concern the individual, including finitude, fear of the unknown and human freedom.

Keywords: Ultimate Concern. Lived religion. Imagination. Science fiction. *2001: A Space Odyssey*.

¹ Graduada em Letras (Português/Inglês) pela Unisinos (2018) - São Leopoldo, RS. Mestranda em Teologia pela Faculdades EST - São Leopoldo, RS. São Leopoldo, RS, Brasil. caroline.cougo@gmail.com.

² Doutor em Teologia pela Faculdades EST (2016) - São Leopoldo, RS. Licenciado em Letras (Português/Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade Estácio de Sá (2008) - Rio de Janeiro, RJ. Professor da área bíblica (Antigo Testamento) na Graduação em Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST - São Leopoldo, RS. São Leopoldo, RS, Brasil. ruben.rmbs@gmail.com

Introdução

Imaginação. Ela nos mantém vivas e vivos. É precisamente nossa condição consciente que permite que nos situemos no espaço e no tempo. Assim, somos capazes não só de nos certificar de que o lugar onde estamos ou aonde vamos não representa qualquer risco à nossa integridade física, mas também de aprender com o passado, tomar decisões razoáveis no presente e planejar nossas vidas para o futuro.

Só que a realidade tal qual se apresenta — posto que limitada pela espacialidade, pela temporalidade e pela finitude — não nos basta. Não queremos apenas um mundo e um futuro satisfatório; queremos vários mundos, várias vidas, várias dimensões, vários universos! Esse poder de abstrair das amarras impostas pelas leis da natureza e projetar a consciência para além da vida e do Universo certamente deu seus primeiros frutos através das formas mais elementares do fenômeno religioso. Gravuras, ritos fúnebres, mitos não só atribuíam sentido ao cotidiano das primeiras sociedades humanas, mas também prometiam uma perpetuação da existência.

Em tempos de modernidade, houve quem anunciasse a morte da religião. Impossível, já que religião é imaginação; e a imaginação é que nos mantém vivas e vivos. Certamente que a religião, em muitos momentos, pareceu intimidada pelas incríveis descobertas da razão. Só que a religião soube igualmente usar a razão a seu favor, de maneira que, por meio desta, aquela só se fortaleceu. Se, por um lado, a razão abriu as portas para novas percepções acerca da vida e da natureza, por outro lado, fizera com que as pessoas se apercebessem ainda mais de seu fim inevitável. Vinha, então, a religião e lhes proporcionava consolo. Com o tempo, mudanças ocorridas no próprio fenômeno religioso acentuaram sua natureza subjetiva, sua tendência intimista.

Por sua vez, a mente racional moderna inventou tecnologias que potencializaram a imaginação humana, de forma que as possibilidades de experimentar os infinitos mundos da fantasia de maneira mais palpável só se multiplicaram. O cinema foi e é um desses acessos para o sonho que foi materializado pela tecnologia. Um dos muitos gêneros pelos quais se contam as narrativas cinematográficas é especialmente digno de menção: a ficção científica.

Este artigo pretende examinar uma obra notável do cinema contemporâneo, que imerge a espectadora e o espectador nas profundezas da imaginação como só a ficção científica é capaz de fazer. Trata-se do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*. A propósito desse longa-metragem, deseja-se apontar uma conexão entre a ficção científica e o fenômeno religioso a partir de um estilo prático de espiritualidade que é conhecido como religião vivida.

O conteúdo que expressa o desenvolvimento deste texto foi dividido em 4 seções. A primeira seção delinea o conceito de “religião vivida”, pondo-o em diálogo com a “teologia da cultura” de Paul Tillich, com vistas ao estabelecimento de um instrumento teórico para a análise de produções cinematográficas. A segunda seção propõe que haja uma razão de ser comum para a ficção científica e a religião, uma vez que ambas acionam uma variedade de símbolos plasmados na incidência da imaginação sobre a realidade, a fim de que a consciência construa compreensões que justifiquem existencialmente a presença da pessoa humana no mundo. A terceira seção oferece um panorama do enredo do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*. A quarta seção articula breves apontamentos interpretativos acerca dessa magnífica obra do cinema à luz da religião vivida. Tomando como referenciais de análise pensamentos teológicos de base judaico-cristã, apreciam-se assuntos tais como os limites da vida, o potencial da tecnologia no tocante à liberdade humana e o sentido de comunhão da vida como um todo, o qual precisa receber mais atenção das sociedades.

A religião vivida como meio de análise do cinema

A religião vivida emergiu em meados do século XX como um modo novo e mais amplo de apreciar a teologia. Alguns teólogos passaram a considerar a fé e a experiência religiosa em suas possíveis expressões fora das paredes das igrejas. “A maneira como o indivíduo vive sua religiosidade e espiritualidade dentro e fora do âmbito institucional e tradicional da Igreja ou outra tradição religiosa passa a ter grande relevância, relacionando ou não sua vivência com um sistema religioso.”³ Paul Tillich (1886-1965), por exemplo, explicava a religião como a experiência que dá sentido à cultura. Desse modo, a teologia começava a valorizar mais o dia a dia da pessoa religiosa.

Uma referência importante para essa visão é Thomas Luckmann (1927-2016), que, em meados de 1960, lançou um livro chamado *A religião invisível*, no qual oferece os meios para analisar a religião a partir da vivência humana. Nessa mesma obra, o autor defende que, além de mudar a maneira como a religião era vista, a secularização também fez com que aquela não fosse mais tão institucionalizada: as pessoas agora exerciam sua religiosidade de modo mais sincrético e individual. Passou a haver mais liberdade para a escolha das crenças pessoais, ficando também a critério do indivíduo o tipo de interação entre os bens simbólicos que integrariam a expressão particular da fé.

³ ADAM, Júlio César. *Religião Vivida e Teologia Prática: Possibilidades de Relacionamento no Contexto Brasileiro. Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019. p. 312. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4133>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

O fenômeno da secularização, portanto, não provocou o banimento da religião; pelo contrário, cooperou para que estruturas e elementos de significação desta rompessem limites históricos e institucionais e migrassem para espaços não religiosos.⁴

A religião está na vivência, na sociedade, na cultura, no mundo exterior, porque são os contextos reais nos quais os humanos se inscrevem. Faz parte das próprias pessoas a inquietação acerca dos mistérios da existência. Quanto a isso, é sempre importante lembrar que, junto a ossadas humanas datadas de milhares de anos, encontraram-se evidências materiais que poderiam constituir testemunhos de crenças no além-túmulo.⁵ Culturas e religiões foram articuladas de acordo com o sentido que cada grupo humano criava para entender o mistério da vida.

Com isso, chegamos a um dos conceitos centrais de Paul Tillich, a “preocupação última”. Também chamada de a preocupação suprema, abrange a dúvida que surge em momentos decisivos, o medo que assalta diante do desconhecido, a desesperança que angustia defronte à morte — seja a nossa ou a de algum ente próximo. Portanto, sendo parte da cultura, a religião nunca deixou de existir, visto que, após milênios, ainda não deciframos o enigma da existência. Continuamos buscando.

Em *A Teologia da Cultura*, o teólogo alemão defende que a teologia deve ser vista na cultura, pois, conforme explica, a religião é não só transcendente, mas também sentida dentro da própria humanidade:

Quando dizemos que a religião é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que, quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religioso. Que ponto de vista é esse? É o que parte das profundezas da nossa vida espiritual.

⁴ ADAM, 2019, p. 315. Sobre isso, Croatto acrescenta que, como resultado da hegemonização da racionalidade filosófica no Ocidente, o mito religioso foi secularizado, passando a figurar em produções culturais da atualidade. Os modelos míticos originários (que se associam a acontecimentos instauradores de realidades coletivamente significativas) reaparecem, por exemplo, na forma dos mocinhos do cinema e dos heróis dos romances literários. CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 310.

⁵ Varisco assinala três qualidades de achados associados à morte no registro arqueológico. Primeiramente vêm os sepultamentos deliberados. As sepulturas de neandertais localizadas na caverna Shanidar (norte do Iraque), datadas entre 60.000 e 80.000 anos, exibiam ossadas dispostas em posição fetal acompanhadas de grandes quantidades de pólen, sugerindo que flores, provavelmente medicinais, teriam sido lançadas sobre os corpos. Em segundo lugar, está a presença de tintura ocre em ossos pré-históricos, simulando sangue e quiçá simbolizando uma pós-vida antecipada. Em terceiro lugar, têm-se algumas das mais antigas artes pré-históricas em cavernas na Europa representando a morte, incluindo uma imagem de cerca de 17.000 anos, gravada na caverna de Lascaux, que supostamente mostra um homem morto por um bisão. VARISCO, Daniel Martin. The End of Life, the Ends of Life: An Anthropological View. *JIMA*, Bethesda, MD, v. 43, n. 3, p. 203-207, 2011. p. 204. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/issues/217013/>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

A religião não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão da profundidade presente em todas as funções.⁶

Por isso, o fenômeno religioso não minguou, nem mesmo com o advento da ciência, a qual também é uma forma de buscar respostas. Pelo contrário, o pensamento religioso foi interagindo com diversas outras criações humanas, servindo-se, inclusive, do aumento da tecnologia. Entre as múltiplas manifestações culturais, a teologia, sem dúvida, marca presença também em mídias variadas, tais como filmes, séries de TV ou *streaming*, *animes*, romances, músicas, pinturas e poemas. Como expressão da interioridade humana, a arte é capaz de acolher inúmeras contribuições provenientes do pensamento religioso.

Há diversas pesquisas recentes em teologia e ciências da religião que demonstram interesse pela relação entre o cinema e a experiência religiosa. Após arrolarem alguns desses trabalhos, Carlos Caldas e Jacqueline Zirolto afirmam:

[...] observa-se que a partir dos anos 2000 o cinema passa a ser incluído nas fontes possíveis para investigação da experiência religiosa. Trata-se de um avanço em termos teórico-metodológicos no estudo da religião, considerando ser o fenômeno religioso uma realidade tão dinâmica e criativa que jamais poderá ser monopólio de uma única abordagem teórica.⁷

Embora também produto da sociedade capitalista moderna, o cinema oferece um escape à sua dinâmica de competição e ritmo produtivo acelerado. Em sua maioria, os filmes trazem uma ordem à “bagunça” que é o mundo: são narrativas com início, meio e fim, não raro culminando com uma solução positiva para o conflito central da trama. É quase como a realização do sonho humano de dispor todas as coisas em seu devido lugar. A jornada do herói, por exemplo, é uma estrutura recorrente na ficção cinematográfica. O herói é uma pessoa normal, com uma vida comum. Ele recebe um chamado à aventura, depara-se com um desafio que tem o potencial de transformá-lo. Passa, então, por diversas tentações que o levam ao clímax da história. Enfim, ele conclui seu percurso de maneira bem-sucedida e recebe uma lição de vida.

Numa trama fundamentada na jornada do herói, certo é que o final será feliz. Seguindo essa estrutura sequencial, diversos filmes *blockbuster* — que fazem muito sucesso no cinema —

⁶ TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 42.

⁷ CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro; DOLGHIE, Jacqueline Zirolto. Bíblia e cinema: estrutura de narrativas bíblicas de chamado e comissionamento em *Os Irmãos Cara de Pau*, de John Landis. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 20, n. 61, p. 1-22, jan./abr. 2022. p. 2. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/27603>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

apenas variam o gênero, que pode ser comédia, ação, romance, drama, aventura, etc. As comédias românticas, com seus desenlaces açucarados, arrastam multidões às salas de exibição. A certeza de que tudo acabará bem no final não incomoda o fã e a fã do cinema *blockbuster*; ambos assistem ao filme com o mesmo interesse, vigor e emoção. Podemos constatar nisso o desejo teológico de pôr ordem à própria vida, encarar o hoje e o amanhã com otimismo. Esse encantamento por uma felicidade derradeira é uma espécie de elemento motivador que deflagra tanto a procura pelos produtos da indústria cinematográfica quanto a busca pelos bens simbólicos das religiões.

De igual modo, é importante perceber que temas religiosos vêm sendo cada vez mais abordados em novas produções.

Muitos são os filmes relacionados à religião, com forte base bíblica, que as telas de cinema explicitamente já mostraram. De uns tempos para cá, os conteúdos religiosos e bíblicos ganham as telas de cinema de forma implícita, sutil, bricolada. Nessa linha, são famosos filmes como *Blade Runner* (1982), *Matrix* (2009), *Constantine* (2005) e o *Livro de Eli* (2010). No contexto brasileiro, o religioso tem aparecido em filmes como *Auto da Compadecida* (2001), *Deus é Brasileiro* (2002) e *Chico Xavier* (2010). Alguns destes incluem elementos do gênero ficção científica ou se enquadram totalmente no gênero, como é o caso de *Matrix*.⁸

Pode-se dizer até mesmo que há muito em comum entre ficção científica e religião.

A ficção científica

Frequentemente se observam tensões entre a teologia e a ciência, sobretudo porque esta desenvolveu métodos próprios de investigação dos fenômenos que integram a natureza.

A ciência compõe-se de um conjunto de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade (que chamamos de objeto de estudo), expresso por meio de uma linguagem precisa e rigorosa. Esses conhecimentos devem ser obtidos de maneira programada, sistemática e controlada, para que se permita a verificação de sua validade. Assim podemos apontar o objeto dos diversos ramos da ciência e saber exatamente como determinado conteúdo foi construído, possibilitando a reprodução da experiência. Dessa forma, o saber pode ser transmitido, verificado, utilizado e desenvolvido.⁹

⁸ ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 552-565, abr./jun. 2012. p. 556. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p552>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

⁹ BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 20.

Não é incomum, portanto, que as conclusões científicas colidam com aspectos da verdade transcendental intuída pela religião, a qual envolve principalmente a fé, aquilo que, na linguagem bíblica, é a “[...] prova das coisas que não se veem” (cf. Hebreus 11,1).¹⁰ Quando, todavia, as ideias da materialidade do universo e da sua compreensibilidade e descritibilidade por meio da razão humana tornam-se elementos das composições ficcionais cinematográficas, a ciência une-se à religião na atividade lúdica de criar inúmeros mundos, tantos que a imaginação permitir. Nas telonas, ficção científica e religião mostram que têm muito em comum! Júlio Adam reflete que as histórias contadas pelas religiões poderiam ser comparadas às narrativas de ficção. Diversos textos da Bíblia, com seus ingredientes extraordinários, certamente poderiam ser apreciados como impressionantes exemplares de ficção científica.¹¹

Observe-se que, na nomenclatura “ficção científica”, “científica” é um adjunto adnominal, isto é, sua função sintática é caracterizar o substantivo “ficção”. Por conseguinte, a ficção científica constitui um produto de fantasia em que o tecnológico, advindo do avanço científico, é livremente utilizado como base da construção narrativa. Albuquerque aprofunda o que acabou de ser dito:

[...] ao realizar um deslocamento de nosso mundo e tempo atuais (em direção ao futuro, saltando para realidades paralelas ou viajando por outros planetas), a FC [ficção científica] lida predominantemente com as possibilidades do avanço da ciência e da tecnologia, real ou imaginado, e com o impacto desse avanço tanto no próprio ser humano como espécie, quanto na sociedade como um todo.¹²

Como exemplo, pode-se citar a trilogia *De volta para o futuro* (1985, 1989, 1990). No primeiro longa-metragem, ao apresentar para seu amigo adolescente, Marty McFly, sua maior realização científica, uma máquina do tempo, o Dr. (“Doc”) Emmett L. Brown conta que, 30 anos antes, após escorregar e bater a cabeça na pia do banheiro, tivera uma “revelação” (uma percepção típica do fenômeno religioso): na sua mente, aparecera uma imagem do capacitor de fluxo, o aparelho que tornaria possível a viagem no tempo. A partir daí, os enredos dos três filmes acompanham as viagens de Doc e Marty para o passado e para o futuro a bordo do DeLorean, o

¹⁰ [...] πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων. As traduções bíblicas são de responsabilidade da autora e do autor do artigo. As passagens da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento Grego foram extraídas, respectivamente, de ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Editio funditus renovata. Vierte verbesserte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990 e NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.

¹¹ ADAM, 2012, p. 556.

¹² ALBUQUERQUE, Alana Soares. Por uma ficção científica ou uma ciência ficcional: jogos e disputas entre ficção, ciência e filosofia. *Khronos*, São Paulo, n. 9, p. 146-162, 2020. p. 158. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/171850>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

automóvel esportivo onde havia sido instalado o capacitor de fluxo. O invento funcionava à base de energia nuclear e provocava o deslocamento temporal quando o DeLorean alcançava a velocidade de 88 milhas por hora (cerca de 142 quilômetros por hora).

Como se sabe, não existem aparatos tecnológicos que permitam ir da década de 1980 até o ano 2015 ou de 1955 a 1885, conforme se vê nesses filmes. A Física contemporânea estabelece obstáculos à exequibilidade de viagens ao passado e ao futuro. Um deles é o princípio da causalidade. Conforme Gleiser explica, o princípio da causalidade postula que

[...] a causa sempre precede o efeito. Ou seja, a velocidade da luz [que é a velocidade-limite na natureza, a saber, cerca de 300.000 quilômetros por segundo] ordena a nossa realidade, definindo um passado e um futuro. Caso contrário, seria possível observar o efeito antes da causa, o filho que nasceu antes do pai, ou o gol que é feito antes da [sic] bola ser chutada, por exemplo.¹³

A velocidade da luz constitui um obstáculo também por outro motivo. Em sua Teoria da Relatividade Restrita (ou Especial), proposta em 1905, Albert Einstein (1879-1955) mostrou que “[...] é impossível para um corpo material viajar à velocidade da luz: com o aumento da velocidade, a massa do corpo também aumenta, atingindo um valor infinito na velocidade da luz”.¹⁴ Desse modo, o efeito conhecido como “dilatação temporal” jamais poderá ser experimentado por um ser humano de maneira significativa. A esse respeito, Tait esclarece:

A teoria da relatividade prevê que os objetos em movimento sofram o efeito de dilatação do tempo que pode ser maior ou menor de acordo com a velocidade. Assim, o tempo para um objeto ou para uma pessoa dentro de outro objeto em alta velocidade passa mais lentamente do que para objetos que se movimentam a baixas velocidades. Esse efeito já foi observado em testes com relógios de alta precisão colocados em aeronaves muito velozes e poderia, em tese, ser utilizado para fazer uma “viagem de sentido único para o futuro”.¹⁵

Portanto, as histórias contadas na cinessérie *De Volta para o Futuro* permanecem no âmbito do faz de conta, mas é aí que reside a sua força: de modo divertido, as circunstâncias criadas pela liberdade da imaginação conduzem a espectadora e o espectador a pensarem sobre as responsabilidades com que teriam de lidar se o aprimoramento da tecnologia lhes permitisse viajar

¹³ GLEISER, Marcelo. Viagens à velocidade da luz. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2001, seção Ciência. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1504200103.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

¹⁴ GLEISER, 2001.

¹⁵ TAIT, Márcia. Viagem no tempo: teoricamente possível, tecnicamente inviável. *ComCiência*, Campinas, 10 mar. 2005, seção Reportagens. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2005/03/04.shtml>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

no tempo. Que consequências tal poder traria para as decisões pessoais, os relacionamentos, a vida como um todo? E é disso que se trata a ficção científica: “[...] as verdades reveladas pela ciência podem ser oferecidas, misturadas com uma história agradável, que pode ser por si mesma poética e verdadeira — difundindo assim um conhecimento da Poesia da Ciência, vestido num traje da Poesia da Vida” (tradução nossa; grifo do autor).¹⁶ Essa frase do poeta britânico William Wilson (1826-1886) acompanha o termo “ficção científica” — cunhado por ele —, tendo sido extraída de sua obra de crítica literária publicada em 1851, *A Little Earnest Book upon a Great Old Subject: With the Story of the Poet-Lover*. Hugo Gernsback (1884-1967), de maneira independente, empregou o termo na primeira edição de sua revista *Science Wonder Stories*, de junho de 1929, tornando-se responsável por sua popularização.¹⁷ Ele declarou:

Eu comecei o movimento da ficção científica na América em 1908 por meio de minha primeira revista, “MODERN ELECTRICS”. Naquela época, tratava-se de um experimento. Autores de ficção científica eram escassos. Não havia uma dúzia que valesse a pena mencionar em todo o mundo (tradução nossa).¹⁸

Desde então, a ficção científica vem ocupando vários espaços midiáticos, da publicação impressa às plataformas de *streaming*, conquistando evidentemente espaço expressivo no cinema. Aliás, pode-se dizer que a ficção científica alcançou a condição atual de respeitabilidade no âmbito da sétima arte graças a *2001: Uma Odisseia no Espaço*, longa-metragem de 1968, produzido e dirigido por Stanley Kubrick (1928-1999).

2001 conseguiu um sucesso de público e de crítica que foi muito importante para a fc [ficção científica] nos anos seguintes. [...] O impacto provocado por *2001* encorajou os produtores a maiores investimentos na fc; o desenvolvimento disso resultou na existência, quinze anos depois, de um verdadeiro “império” cinematográfico [...]. Em 30 anos, a fc americana passou de produções classe B em preto e branco para a primeira linha dos sucessos de bilheteria e das produções milionárias de Hollywood.¹⁹

¹⁶ [...] the revealed truths of Science may be given, interwoven with a pleasing story which may itself be poetical and true - thus circulating a knowledge of the Poetry of Science, clothed in a garb of the Poetry of life. WILSON, William. *A Little Earnest Book upon a Great Old Subject: With the Story of the Poet-Lover*. London, UK: Darton and Co., 1851. p. 139-140.

¹⁷ RAMACHANDRA, Adilson Silva. Nota do Editor sobre a Origem do Termo Ficção Científica. In: ROBERTS, Adam. *A Verdadeira História da Ficção Científica: do preconceito à conquista das massas*. Tradução de Mário Molina. 1ª Edição Digital. São Paulo: Seoman, 2018. [n.p.].

¹⁸ I started the movement of science fiction in America in 1908 through my first magazine, “MODERN ELECTRICS.” At that time it was an experiment. Science fiction authors were scarce. There were not a dozen worth mentioning in the entire world. GERNBACK, Hugo. *Science Wonder Stories*. In: _____ (Ed.). *Science Wonder Stories*, New York, NY, v. 1, n. 1, p. 5, jun. 1929. p. 5. Disponível em: <https://archive.org/details/Science_Wonder_Stories_v01n01_1929-06.Stellar/mode/2up>. Acesso em: 2 dez. 2023.

¹⁹ TAVARES, Bráulio. *O que é ficção científica*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 29-30.

Relembrando o que se disse acima, há muito em comum entre a ficção científica e a religião. Com o intuito de convidar a leitora e o leitor para pensarem sobre isso, este artigo oferecerá um breve exame de *2001: Uma Odisseia no Espaço* à luz da religião vivida. Antes de tudo, porém, é necessário apresentar a obra.

2001: Uma Odisseia no Espaço

Deserto de *algum* planeta. Uma tribo de hominídeos procura por alimentação. O grupo não está tendo sorte: um de seus membros fora morto por um leopardo e eles haviam acabado de perder a possibilidade de beber água, pois outra tribo da mesma espécie vencera a disputa.

Após passarem a noite numa caverna próxima, eles prosseguem à procura de comida. Deparam-se, então, com um objeto muito grande e estranho, posto exatamente no local onde eles haviam batalhado²⁰ no dia anterior. Tratava-se de um monólito preto. Curiosos, eles tocam o objeto. Coincidência ou não, logo após isso, um dos hominídeos começa a perceber coisas que nunca havia pensado antes: um osso de javali caçado por eles podia ser usado como arma e ferramenta. Começava agora a dominação por aqueles que detinham a tecnologia mais avançada — ou a ideia mais original de uso de materiais disponíveis no hábitat. Tal fato provava a potencial ambivalência do conhecimento: o primeiro hominídeo a concluir que o osso poderia ser utilizado como uma arma mata o líder da outra tribo. O desejo pelo poder tornava-se maior que a empatia e o sentimento de coexistência. O portador do osso de javali e seu grupo apropriaram-se do direito à vida através da água.

Ocorre, então, um grande salto cronológico. Apresenta-se um pesquisador chamado Heywood Floyd. Ele está em um avião espacial da companhia aérea *Pan Am*.²¹ Floyd havia acabado de chegar de uma viagem a uma base espacial na Lua, a Clavius. Após uma conversa por videotelefonia com sua pequena filha, ele se encontra com mais dois pesquisadores de seu círculo de convivência: uma cientista russa e seu colega. Ambos o questionam sobre um boato que vinha

²⁰ As batalhas eram feitas por meio de ameaças. A tribo que se mostrasse mais ameaçadora afugentava a outra. Não havia matança como meio de conseguir algo, exceto para acabar com a fome e, desse modo, preservar o ciclo da vida.

²¹ O nome original da empresa era *Pan American World Airways*. Essa companhia de aviação comercial durou de 1927 a 1991. Para mais informações, cf. THE PAN AM Historical Foundation. Disponível em: <<https://www.panam.org/>>. Acesso em: 3 dez. 2023.

se espalhando: supostamente havia uma epidemia ocorrendo na Clavius. Seria isso verdade? Era por esse motivo que a base não contatava as companhias aéreas e vinha agindo estranhamente? O Dr. Floyd decide não responder aos seus interlocutores.

Uma nova cena se abre, cujo foco é uma reunião do Dr. Floyd com os trabalhadores da Clavius. Ele lhes pede desculpas, pois fora necessário criar um boato sobre uma epidemia a fim de encobrir uma surpreendente descoberta: um artefato²² que estivera enterrado há quatro milhões de anos no solo lunar. Era o mesmo monólito encontrado pelos hominídeos. Quando se tira uma fotografia em frente ao objeto, naquele exato momento, um som ensurdecedor ressoa.

Mais uma vez, opera-se uma transição de tempo e espaço. Dezoito meses se passam. Uma nave espacial chamada de *Discovery One* está a caminho de Júpiter. Em sua tripulação, o veículo contava com o Dr. David Bowman e o Dr. Frank Poole, além de mais três cientistas mantidos em hibernação criogênica no interior de cápsulas que suportavam seus corpos deitados. Seus corações produziam uma batida por segundo. A ideia era mantê-los intactos até a chegada a Júpiter, pois seria uma viagem longa e eles deveriam ser acordados apenas ao chegar. Havia, porém, um tripulante extra na nave: o Hal 9000. Tratava-se da Inteligência Artificial principal da nave, o computador que comandava todas as funções dela. Dois tripulantes da nave assistem a uma reportagem da BBC, na qual haviam sido perguntados sobre como é ter um computador como companhia. A resposta foi que eles sentiam como se fosse mais um tripulante com eles. Então, o entrevistador perguntou se o Hal 9000 tinha emoções humanas, e eles disseram não saber.

Logo se percebe que o comportamento da IA era diferenciado: o próprio Hal 9000 começa a conversar com os tripulantes e expressa suas emoções em primeira pessoa, dizendo estar preocupado, pois a viagem estava repleta de segredos que não ocorriam normalmente em outras viagens; havia um mistério no contexto daquela jornada. Assim, ele mesmo reporta haver um problema na aeronave: o principal dispositivo, que conectava a antena da nave espacial, estaria a apenas algumas horas de sofrer uma falha geral. Os astronautas, ao verificarem, não encontram nenhum erro. Hal insiste na ideia de que havia, sim, um erro e que eles deveriam apenas esperar acontecer. Ao pedirem ajuda para o controle da missão, os tripulantes são informados de que o computador gêmeo de Hal não vira erro nenhum e que provavelmente o computador da espaçonave estaria enganado em sua afirmação.

²² Descrito como AMT-1: Anomalia Magnética Tycho 1.

Os tripulantes consultam Hal, que responde que sua série nunca erra. Qualquer erro que acontecesse seria por culpa dos humanos, não das máquinas. Os dois pesquisadores se escondem do computador para conversar sobre suas angústias: ambos não estão mais seguros da confiabilidade de Hal. A situação parece estar perigosa. As evidências sugeriam que a máquina havia adquirido consciência e poderia estar querendo arrastá-los para um problema. Eles decidem, então, seguir as orientações do computador, mas desligá-lo caso estivesse errado em suas previsões, passando a agir sem ele. Hal estivera lendo os lábios dos tripulantes e, desse modo, soube do plano para desligá-lo.

Quando um dos tripulantes, Poole, vai trocar o equipamento de risco, que ficava fora da nave, em outro compartimento, Hal se vingava e corta seu equipamento de oxigênio. Ao mesmo tempo, acaba também com as reservas dos tripulantes em hibernação e os mata. Ao perceber que a máquina estava fazendo isso, Bowman decide desligá-la. Hal tenta argumentar, mas Bowman não dá ouvidos ao que ele diz e retira cada compartimento de memória do computador. Após o computador ser desconectado, um vídeo aparece. Era o Dr. Floyd informando o segredo: um monólito fora encontrado na lua. Ele afirmava também que havia dois deles, o outro estava em Júpiter. Sua existência e seu propósito continuavam um mistério. A única interação do monólito lunar havia sido uma transmissão de rádio em direção a Júpiter.

Enfim, Bowman, mesmo sem o computador e mais nenhum tripulante como companhia, chega a Júpiter. Ele se depara com o monólito. Ao se aproximar, ele começa a fazer uma viagem de dimensões e destino desconhecidos. É como se ele estivesse sendo puxado por túneis cheios de luzes coloridas. Ao chegar a Júpiter, Bowman se depara com várias versões de si, em diferentes idades, cada vez mais velho. Ele vê a si mesmo jantando numa mesa e, depois, ainda mais velho, em seu leito de morte, deitado na cama de uma casa estranha. Então, o monólito preto surge em frente a ele. Com a aparição do insólito objeto, Bowman é transformado num feto, cujo corpo fica envolvido por uma esfera de luz. O cenário muda. No espaço, o orbe luminoso com o feto em seu interior começa a aproximar-se da Terra. E assim a história termina.

O longa-metragem não é cheio de diálogos; quase meia hora se passa até que algum personagem comece a falar. Os efeitos sonoros e visuais proporcionam à espectadora e ao espectador experiências estéticas muito significativas. Basta lembrar, no início do filme, a dança dos planetas e das naves espaciais ao som de *An der schönen blauen Donau* (*No lindo Danúbio azul*), famosa valsa do compositor austríaco Johann Strauß (Sohn [Filho]) (1825-1899). É oportuno enfatizar que a produção é da década de 1960. Não era comum tanto investimento financeiro, nem

tamanho uso de efeitos especiais.²³ Mesmo *Star Wars*, que estreou alguns anos depois, tornou-se um clássico e também envolvia ficção científica, não foi tão desenvolvido quanto *2001*. Os recursos visuais ficaram bem aquém daquilo que fora visto na obra de Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke (1917-2008), de maneira que fica difícil assistir ao primeiro filme da cinessérie criada e dirigida por George Lucas e não sentir que há algo de inverossímil (por exemplo, quando se recorda que alguns personagens eram bonecos). Quanto a *2001*, mesmo nos momentos mais fantasiosos — aqui se poderia mencionar a transformação de Bowman num feto —, a história não perde sua capacidade de convencer a plateia.

Clarke conta que, além das várias ideias inéditas que ele e Kubrick discutiram durante meses, o roteiro de *2001: Uma Odisseia no Espaço* também incorporara elementos de alguns outros contos de Clarke, entre os quais, *A Sentinela* (1948), cuja história era sobre um objeto alienígena descoberto na Lua. Juntamente com o trabalho no argumento do filme, Clarke produziu uma versão estendida da história, a qual lançou como romance em 1968. O autor revela que a sugestão de escrever um romance partiu de Kubrick, pois este não queria que Clarke ficasse entediado durante o vagaroso processo de elaboração do roteiro para o cinema.²⁴

2001: Uma Odisseia no Espaço à luz da religião vivida

O filme é permeado por uma delicadeza artística impressionante, de maneira que ficam evidentes o cuidado e a sensibilidade humana com os quais a trama é preparada. Aqui predominam tanto o silêncio quanto os sons humanos. A respiração dos personagens é retratada em momentos de tensão, como quando o Dr. Bowman desliga Hal. Seu resfolegar é acentuado, compassado. Quando Poole morre no espaço, há apenas o som de sua respiração até que ela suma. Esses momentos do filme lembram (de modo inverso) a segunda narrativa da criação na Bíblia Hebraica, quando *YHWH Elohim* infunde a vida na criatura humana: “Então modelou YHWH Elohim a criatura humana do solo do húmus, depois insuflou nas narinas dela um fôlego de vida. Foi assim que a criatura humana se transformou numa garganta viva” (Gn 2,7).²⁵ De maneira mais direta, pode-se ainda evocar aqui a constatação do sábio Qohélet (12,7): “Por fim retornará o solo ao terreno da

²³ TAVARES, 1986, p. 30.

²⁴ CLARKE, Arthur C. Prefácio à Edição do Milênio. In: _____. *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Tradução de Fábio Fernandes. Edição digital. São Paulo: Aleph, 2013. [n.p.].

²⁵ וַיִּצְרֶה יְהוָה אֱלֹהִים אֶת-הָאָדָם עָפָר מִן-הָאֲדָמָה וַיִּפַּח בְּאַפָּיו נְשֵׁמַת חַיִּים וַיְהִי הָאָדָם לְנֶפֶשׁ חַיָּה:

forma que estivera e a respiração voltará para o Elohim que a dera”.²⁶ A respiração vibrante e o silêncio absoluto demarcam os limites da vida na antropologia hebraica bíblica.²⁷

O medo e o interesse pelo desconhecido são comuns à humanidade. As várias áreas de pesquisa e todo o conhecimento acumulado até então testemunham o anseio humano por desvendar os mistérios da existência. A possibilidade de haver vida inteligente fora da Terra é tema de debates contínuos entre cientistas, filósofos, religiosos e cineastas. Indaga-se sobre a possibilidade de transcender os limites da cotidianidade. A mesma curiosidade que leva à pergunta pela vida extraterrestre também se inquieta pela realidade de Deus. Os alienígenas, aliás, são parte essencial de *2001*, mas em nenhum momento eles mesmos aparecem. A ideia de sua existência somente é deduzida a partir do monólito preto.

Outro assunto presente em *2001* é a Inteligência Artificial. Hal 9000 fora inventado pelo ser humano para auxiliar nas jornadas espaciais. Em 2023 — vinte e dois anos após a época aludida no título do filme —, popularizaram-se diversas IAs. Uma delas, criada há poucos anos pela multinacional estadunidense *Amazon.com. Inc.*, é Alexa, destinada a servir como assistente virtual no dia a dia. Quando é conectada aos sistemas que regulam diversas funções da casa, ela segue os comandos de voz dos membros da família. Basta que se ordene “Alexa, desligue as luzes” e ela escurecerá o ambiente. Se for pedido que toque uma música, ela tocará. Há alguns anos, a tecnologia responsável por um produto como esse deixaria apavorada qualquer pessoa!

A *OpenAI*, uma empresa de pesquisa fundada por Elon Musk e Sam Altman em 2015 e sediada em San Francisco, Califórnia, a qual declara ser sua missão “[...] assegurar que a inteligência artificial geral beneficie toda a humanidade” (tradução nossa)²⁸, lançou, em novembro de 2022, o *ChatGPT*, um *chat* de inteligência artificial que tem diversas funções.²⁹ A Inteligência Artificial agora cria e revisa textos, responde a qualquer pergunta e faz exatamente tudo o que a pessoa pedir. Outras Inteligências Artificiais foram desenvolvidas, como as que criam imagens por comandos e as que geram dublagens perfeitas, imitando vozes humanas. Isso leva muitas pessoas a se

²⁶ וַיֵּשֶׁב הָעֶפְרָיִם עַל-הָאָרֶץ כְּשֵׁהִיָּה וְהָרִוּם תָּשׁוּב אֶל-הָאֱלֹהִים אֲשֶׁר נִתְּנָה:

²⁷ “A fé veterotestamentária orientava-se para a vida concreta, terrena, a vida antes da morte. A pessoa humana é uma *nefesh* [garganta] viva, faminta de vida, enquanto vive, mas justamente somente enquanto vive.” SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 89-90.

²⁸ [...] to ensure that artificial general intelligence benefits all of humanity. ABOUT. *OpenAI*, San Francisco, CA. Disponível em: <<https://openai.com/about>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

²⁹ HASHEMI-POUR, Cameron. *OpenAI. TechTarget*, Newton, MA. [s.d.]. AI Technologies. Disponível em: <<https://www.techtarget.com/searchenterpriseai/definition/OpenAI>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

perguntarem se, algum dia, a Inteligência Artificial poderá criar consciência. Quando perguntado sobre isso, o Chat GPT responde:

Não, eu não tenho consciência ou autoconsciência. Eu sou um programa de inteligência artificial criado para processar informações, fornecer respostas e ajudar com várias tarefas, mas não tenho consciência, emoções ou pensamentos próprios. [...] A criação de consciência em inteligências artificiais é um tópico bastante complexo e ético. Até o momento, não existe um caminho claro para que uma IA como eu desenvolva consciência própria. A consciência envolve aspectos extremamente intrincados, como experiências subjetivas, emoções, autoconhecimento e uma compreensão profunda do mundo ao redor. Esses são atributos que vão além da capacidade atual das inteligências artificiais. Os avanços na área de IA buscam replicar certos aspectos do pensamento humano, mas criar verdadeira consciência ainda é um desafio enorme e muitos cientistas e especialistas éticos estão cautelosos em relação a esse desenvolvimento, devido às implicações éticas e morais envolvidas. É importante considerar não apenas a capacidade de criar consciência em uma IA, mas também as responsabilidades éticas e os impactos que isso teria na sociedade. Portanto, enquanto a pesquisa continua avançando na área da inteligência artificial, é fundamental ter cuidado e considerar profundamente as implicações éticas e sociais de qualquer avanço em direção à criação de consciência em máquinas.³⁰

O filme nos leva a questionar o quanto a tecnologia poderia se tornar perigosa para os seres humanos caso tivesse a capacidade de desenvolver-se por seus próprios meios. De fato, o ser humano pode escolher rumos sem que tenha muita clareza acerca dos respectivos destinos. Tomemos em consideração a tecnologia de computadores pessoais, *smartphones* e *iphones*. Sem dúvida, esses aparelhos potencializaram a autonomia do indivíduo, abrindo-lhe o acesso a um universo vastíssimo de cultura e comunicação. Mal sabíamos, todavia, que nos tornaríamos praticamente dependentes deles e que a ansiedade aumentaria com seu uso frequente — o que realmente vem acontecendo, tanto pelo acúmulo de informações por segundo quanto pelas comparações nas redes sociais. Isso é uma questão que interessa à teologia, pois envolve a liberdade da pessoa humana. Evidentemente o foco da discussão não é uma moralização da tecnologia, como se “o mal” estivesse contido nela, mas sua transformação em instrumento de domínio de consciências. Cabe lembrar o anúncio do evangelho: “Se, porém, o Filho vos fizer livres, realmente livres sereis!” (Jo 8,36).³¹ Porque marcada pela limitação da realidade, a experiência humana (contendo em si também a experiência religiosa) caracteriza-se pela busca incessante tanto de pertencimento quanto de autorrealização. Qualquer coisa que se arrogue o direito de coibir esse

³⁰ CHATGPT. Disponível em: <<https://chat.openai.com/c/119dfd79-d4b9-49c5-8b59-796610712e77>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

³¹ ἐὰν οὖν ὁ υἱὸς ὑμᾶς ἐλευθερώσῃ, ὄντως ἐλεύθεροι ἔσεσθε.

impulso humano, sob que justificativa for, coloca-se a serviço da atividade. Liberdade de ser, viver e conhecer não combina com subjugação a instrumentos de controle de massa.

O final de *2001* — a cena do feto abrigado no orbe luminoso flutuando ao lado da Terra — criou diversas teorias possíveis, que são amplamente discutidas. Entretanto, uma das mais aceitas é que a cena traz a ideia de que, com a evolução humana, diversas outras formas de vida poderão ser criadas no futuro, de modo que os próprios humanos não serão concebidos apenas de forma natural. O final também pode ter um significado sentimental e reflexivo: considerando que o foco da imagem produz a ilusão de que tanto o feto quanto a Terra têm o mesmo tamanho e ficam lado a lado, é possível interpretar que o ser humano é o universo e o universo é o ser humano, como se fossem um só. Destruindo nosso habitat, estaremos destruindo a nós mesmos. Essa consideração de que todos somos um lembra a declaração do apóstolo Paulo: “Vós, portanto, sois um corpo de Cristo e membros [dele] em parte” (1Co 12,27).³²

Permanecendo o final em aberto, diversas leituras da trama são possíveis. Isso é, inclusive, inerente ao fazer literário. A teoria da recepção endossa o fenômeno das múltiplas interpretações a partir da pluralidade de indivíduos que acessam uma obra de arte. Considerando todas as questões acima, pode-se dizer que o filme é não só ficção científica, mas também teologia, ainda mais atual do que se imagina!

Considerações finais

Este artigo quis assinalar uma conexão entre ficção científica e fenômeno religioso a partir da religião vivida. De início, mencionou-se o interesse atual pelo modo como o indivíduo vive sua religiosidade e espiritualidade em seu dia a dia. Isso tem sido reconhecido como objeto de investigação de um campo recente de estudos acadêmicos, a religião vivida. De fato, a vivência, a sociedade, a cultura, o mundo exterior são os âmbitos concretos nos quais os humanos se inscrevem. Faz parte das próprias pessoas a inquietação acerca dos mistérios da existência. Isso conduziu a um dos conceitos fundamentais de Paul Tillich, “a preocupação última”, isto é, a vida enquanto experiência de sentido.

O pensamento religioso serviu-se do progresso da ciência moderna, imiscuindo-se também entre as múltiplas manifestações culturais favorecidas pelo recrudescimento da tecnologia: filmes,

³² Ὑμεῖς δὲ ἐστε σῶμα Χριστοῦ καὶ μέλη ἐκ μέρους.

séries de TV, músicas, etc. Apontou-se que temas religiosos vêm aparecendo cada vez mais em novas produções de mídia. Afirmou-se, inclusive, que há muito em comum entre ficção científica e religião.

No momento seguinte, ressaltou-se que, quando as descobertas da razão acerca da natureza são apropriadas pelo cinema, a ciência e a religião são chamadas para brincar de criar mundos de fantasia. Na ficção científica, em especial, o tecnológico é livremente utilizado como base da construção narrativa.

Esboçaram-se, então, os aspectos principais da narrativa de *2001: Uma Odisseia no Espaço* e, por fim, elaborou-se um comentário geral sobre o longa-metragem a partir da religião vivida. Abordaram-se assuntos tais quais a finitude, o medo do desconhecido, as expectativas e os riscos associados à Inteligência Artificial, a liberdade humana e a comunhão de todas as coisas.

No âmbito dos estudos acadêmicos do fenômeno religioso, este artigo quis também inspirar pesquisadoras e pesquisadores a que examinem outras produções de ficção científica. Há tantas obras maravilhosas na esfera da sétima arte! Quem quer que se disponha a estudá-las igualmente concluirá que ficção científica e religião têm muito em comum!

Referências

ABOUT. *OpenAI*, San Francisco, CA. Disponível em: <<https://openai.com/about>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 552-565, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p552>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

ADAM, Júlio César. Religião Vivida e Teologia Prática: Possibilidades de Relacionamento no Contexto Brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4133>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

ALBUQUERQUE, Alana Soares. Por uma ficção científica ou uma ciência ficcional: jogos e disputas entre ficção, ciência e filosofia. *Khronos*, São Paulo, n. 9, p. 146-162, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/171850>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro; DOLGHIE, Jacqueline Zirolto. Bíblia e cinema: estrutura de narrativas bíblicas de chamado e comissionamento em Os Irmãos Cara de Pau, de John Landis. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 20, n. 61, p. 1-22, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/27603>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CHATGPT. Disponível em: <<https://chat.openai.com/c/119dfd79-d4b9-49c5-8b59-796610712e77>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

CLARKE, Arthur C. Prefácio à Edição do Milênio. In: _____. *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Tradução de Fábio Fernandes. Edição digital. São Paulo: Aleph, 2013. [n.p.].

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Editio funditus renovata. Vierte verbesserte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990

GERNSBACK, Hugo. Science Wonder Stories. In: _____ (Ed.). *Science Wonder Stories*, New York, NY, v. 1, n. 1, p. 5, jun. 1929. Disponível em: <https://archive.org/details/Science_Wonder_Stories_v01n01_1929-06.Stellar/mode/2up>. Acesso em: 2 dez. 2023.

GLEISER, Marcelo. Viagens à velocidade da luz. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2001, seção Ciência. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1504200103.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

HASHEMI-POUR, Cameron. OpenAI. *TechTarget*, Newton, MA. [s.d.]. AI Technologies. Disponível em: <<https://www.techtarget.com/searchenterpriseai/definition/OpenAI>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.

RAMACHANDRA, Adilson Silva. Nota do Editor sobre a Origem do Termo Ficção Científica. In: ROBERTS, Adam. *A Verdadeira História da Ficção Científica: do preconceito à conquista das massas*. Tradução de Mário Molina. 1ª Edição Digital. São Paulo: Seoman, 2018.

SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2003.

TAIT, Márcia. Viagem no tempo: teoricamente possível, tecnicamente inviável. *ComCiência*, Campinas, 10 mar. 2005, seção Reportagens. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2005/03/04.shtml>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

TAVARES, Bráulio. *O que é ficção científica*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THE PAN AM Historical Foundation. Disponível em: <<https://www.panam.org/>>. Acesso em: 3 dez. 2023.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VARISCO, Daniel Martin. The End of Life, the Ends of Life: An Anthropological View. *JIMA*, Bethesda, MD, v. 43, n. 3, p. 203-207, 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/issues/217013/>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

WILSON, William. *A Little Earnest Book upon a Great Old Subject: With the Story of the Poet-Lover*. London, UK: Darton and Co., 1851.